



Ponto Urbe

Revista do núcleo de antropologia urbana da USP

23 | 2018

Ponto Urbe 23

Fujoshis e Fudanshis do Brasil: subjetividades a partir das leituras do Yaoi

Sasha Cruz Alves Pereira



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/5665>

DOI: 10.4000/pontourbe.5665

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Sasha Cruz Alves Pereira, « Fujoshis e Fudanshis do Brasil: subjetividades a partir das leituras do Yaoi », *Ponto Urbe* [Online], 23 | 2018, posto online no dia 28 dezembro 2018, consultado o 25 junho 2019.

URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/5665> ; DOI : 10.4000/pontourbe.5665

Este documento foi criado de forma automática no dia 25 Junho 2019.

© NAU

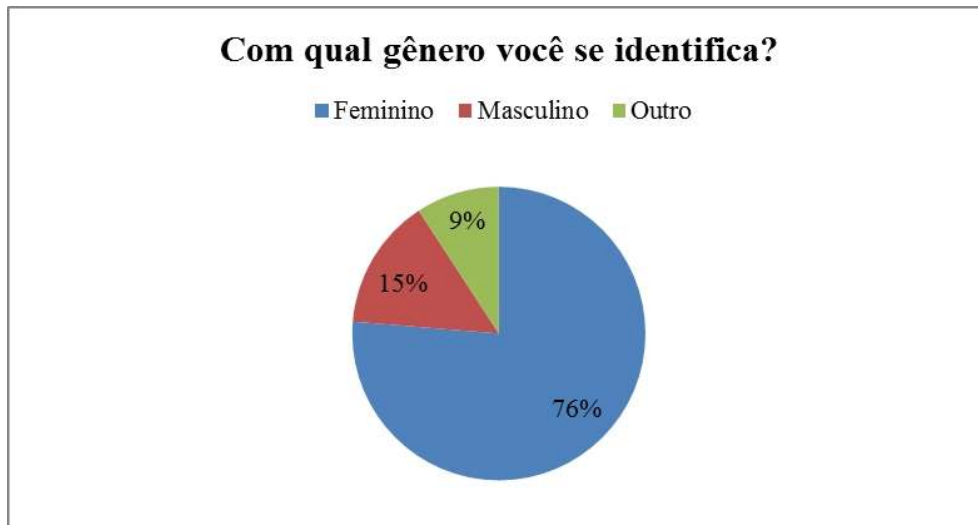
Fujoshis e Fudanshis do Brasil: subjetividades a partir das leituras do Yaoi

Sasha Cruz Alves Pereira

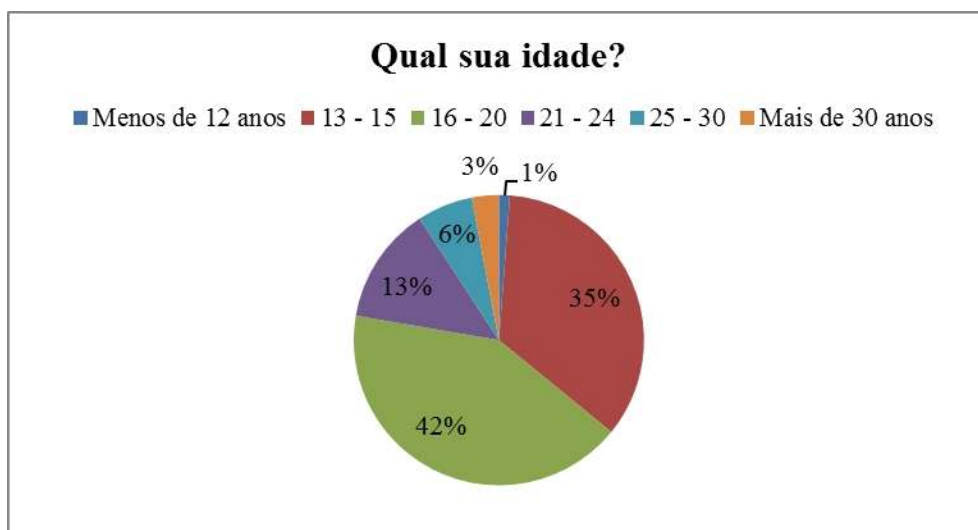
- 1 O presente trabalho pretende estudar as relações sociais estabelecidas entre fujoshis em termos de suas experiências envolvendo leituras de mangás, fanfics e fanzines, visualizações de animes e fanarts, e tudo que possa ser considerado um produto, seja oficial ou de fã, relacionado ao yaoi. Cabe primeiramente explicitar o que estes termos japoneses significam.
- 2 O mercado de mangás e animes¹ (e os produtos que envolvem esse universo, tais como jogos de videogame, cosplays, boardgames, cardgames etc.) é amplo e atinge várias faixas etárias e gêneros no Japão. Contudo, podemos dividi-lo, simplificadamente, em duas grandes demografias: o *shonen* e o *shoujo*². O *shonen* é a história voltada para o público masculino jovem, cujos temas geralmente são aventura e superação, enquanto o *shoujo* é o seu correlato feminino, abordando dramas escolares e romances³. O *yaoi* insere-se como uma subcategoria do *shoujo*, centrando a ação de sua trama no relacionamento afetivo-amoroso entre dois homens. O curioso disso está no fato de que, no Japão, o *yaoi* é produzido por mulheres e para mulheres (ARANHA 2010: 244; SILVA 2006: 43). Ou seja, o público-alvo não são presumivelmente homens gays, mas garotas jovens, que se sentem contempladas pelo romance homossexual, muitas vezes envolvendo cenas de sexo explícitas e de violência. Essas garotas, fãs de *yaoi*, são denominadas *fujoshi*, um termo que dá a ideia de “garota podre” em japonês. *Fudanshi* é o fã homem de *yaoi*; na correlação, seria algo como “garoto podre”⁴.
- 3 Isso posto, é do interesse da pesquisa saber como são construídas as subjetividades desse grupo social que é composto, principalmente, de pessoas muito jovens, no âmbito das suas relações com outros fãs de *yaoi* – um produto cultural fortemente marcado pelo erotismo –, tendo em vista o contexto brasileiro. Como as vivências dos indivíduos deste grupo são formadas, elencando questões de sexualidade e gênero? Por subjetividade, refiro-me à noção colocada por Ortner (2007) como “conjunto de modos de percepção,

afeto, pensamento, desejo, medo e assim por diante, que animam os sujeitos atuantes” e ainda “formações culturais e sociais que modelam, organizam e provocam aqueles modos de afeto, pensamento, etc”. Para dar conta da proposta, vou me centrar na exposição do trabalho de campo, dividido em duas etapas: aplicação de formulário online e realização de entrevistas individuais ou em grupo.

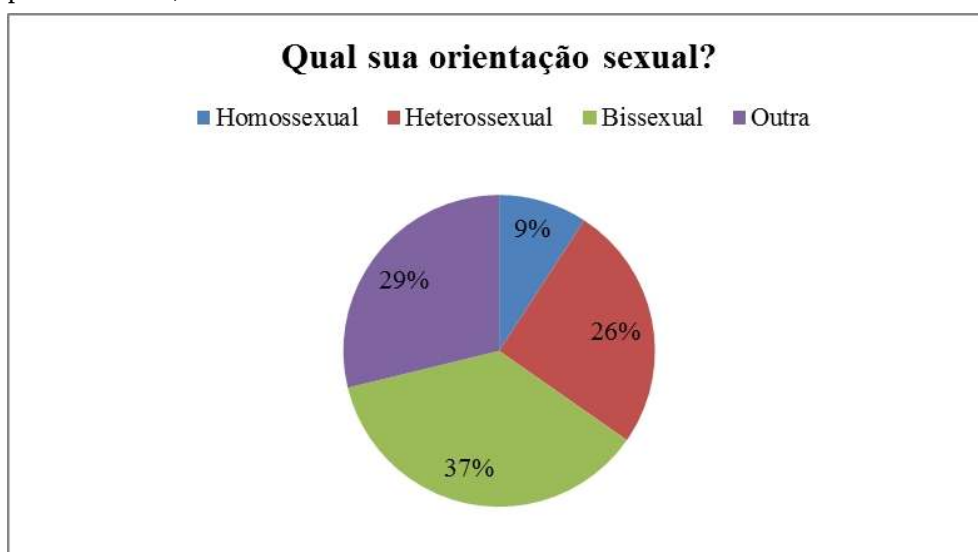
- 4 Para iniciar a análise, elaborei um questionário virtual, pois considerei essa a melhor forma de reunir um número relevante de dados quantitativos (e qualitativos) sobre o grupo estudado em pouco tempo. As perguntas tiveram como objetivo traçar um perfil geral destes leitores, como gênero, idade e orientação sexual, bem como sondar o interesse deles por este tipo de literatura e se ela afetaria a construção/manutenção de suas subjetividades. Os dados foram coletados por meio de formulário online – na plataforma Google Forms –, que foi divulgado na rede social Facebook, no grupo Yaoi Faz Bem, cujo número de membros era de quase 15 mil pessoas naquele período. Iniciei a coleta em 8 de setembro de 2017 e a mantive aberta por uma semana. Elaborei posteriormente uma enquete para obtenção dos dados sobre raças/etnias desse grupo. Ao todo, obtive 337 respostas no formulário e 108 respostas na enquete. Seleciono aqui os dados e análises mais relevantes.



- 5 O público-leitor é predominantemente feminino, o que corrobora as hipóteses iniciais de que o yaoi é consumido mais por esta categoria do que pelo público masculino, não somente no contexto japonês, mas no brasileiro. Nota-se também uma considerável quantidade de pessoas que não se identificam no sistema binário de gênero.

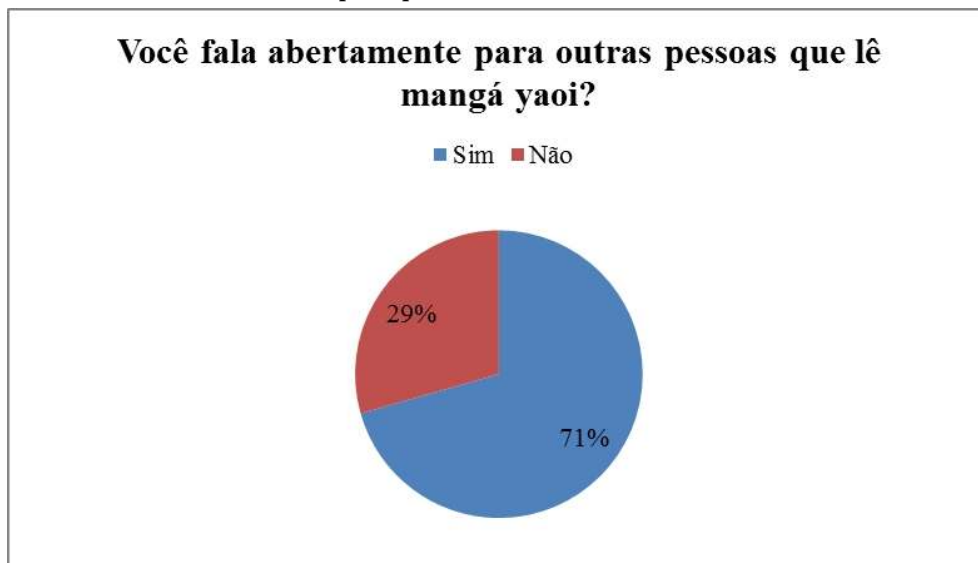


- 6 É notável o número de pessoas entre 13 a 20 anos que consomem yaoi. Se cruzarmos esses dados com os do gráfico acima, veremos que o grupo de fujoshis e fudanshis é constituído, principalmente, de adolescentes que se identificam com o gênero feminino e que, provavelmente, estão cursando o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio.



- 7 A orientação bissexual foi a que mais teve respostas afirmativas, mas o que realmente salta aos olhos é a quantidade de orientações contidas na opção “Outra”, que foi posta para representar pessoas que não se veem nem como homo, bi ou hétero – e, no entanto, acabou sendo a segunda mais votada. O que se poderia encontrar dentro deste grupo? Pansexuais? Assexuais? Demissexuais? Aqui reconheço uma falha de formulação do questionário. Eu deveria prever, ou pelo menos supor que, por se tratar de uma leitura na qual outras sexualidades, que não a heterossexualidade, são retratadas, haveria talvez um público cujos modos de vivenciar sua orientação sexual não fosse contemplado pelas categorias que eu ofereci como resposta. Para além da simples categorização deste grupo, pode-se ainda pensar no yaoi como uma leitura que dialoga com o tema da sexualidade. Parece que para o público-leitor do yaoi, a dicotomia homo-hétero não esgota a possibilidade de vivência desse aspecto da vida, aproximando-se mais de características fluidas e de instabilidade da experiência e desejo sexual.

- 8 O que não pode deixar de ser dito é também a considerável porcentagem de pessoas que se identificam como heterossexuais. O que há de tão especial no yaoi para chamar a atenção desse público? A antropóloga australiana Thorn (2003) fez um estudo com garotas japonesas para tentar descobrir por que elas gostam deste gênero de mangá. Ela chegou à formulação de três grupos: (1) as leitoras simplesmente gostam da história, que é algo que dá prazer a elas, como um passatempo; (2) o yaoi permite um mundo masculino idealizado, no qual é possível amar um homem *como* um homem, ou seja, parece estar aí uma idealização de relacionamento de igual para igual, não hierárquico; e, por fim, (3) há aí um elemento voyeurístico, envolvendo os personagens masculinos em uma posição de dor, sofrimento (importante deixar claro que é a dor sexual aqui), colocando-os numa posição de objeto. Thorn fez seus estudos no Japão e o presente trabalho é feito com brasileiras e brasileiros, logo algumas questões parecem descompassadas para nós, como o ideal de relacionamento igualitário entre homens, ou uma não hierarquização. Nos dados etnográficos colhidos nas entrevistas individuais, apareceram o primeiro e o terceiro grupo, se usarmos as chaves conceituais de Thorn. Contudo, ela não explica outros fenômenos observados por aqui.



- 9 Para comentar essa pergunta e as respostas obtidas, é preciso antes retomar um aspecto. Durante a minha aproximação do grupo de fujoshis nas redes sociais, percebi que havia uma determinada imagem que elas (ou parte delas) supunham passar a outras pessoas – imagem essa de uma menina “tarada”, que curte pornô gay. Nas conversas do grupo, é comum encontrar imagens como as a seguir:



Figura 1



Figura 2



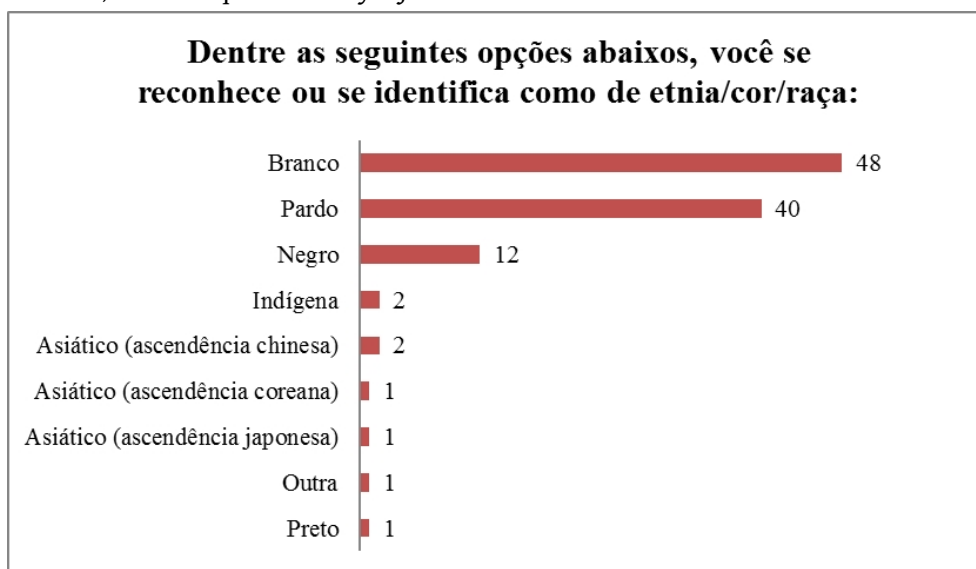
Figura 3

Como todas essas imagens são intensamente compartilhadas em grupos de discussão e páginas nas redes sociais, informações como autor e data não são facilmente encontradas. Infelizmente, foi o caso das imagens que aqui expus.

- 10 Todas essas imagens parecem compor um estereótipo de leitor de yaoi. A menina na figura 1 remete à ideia de que a mulher fica extremamente excitada, sentimento representado pela ereção de um pênis imaginário, quando exposta a cenas de sexo,

especialmente se for uma cena entre homens. A figura 2 mostra que a garota concentrada na sala de aula pode estar pensando em outra coisa que não o conteúdo da disciplina – ela só consegue pensar em dois homens fazendo “sacanagem”. Por fim, a figura 3 tem um elemento narrativo largamente utilizado nos mangás, que é o sangramento pelo nariz quando a pessoa está excitada. Na maioria dos casos, esse recurso estético-narrativo é usado em contextos masculinos e heterossexuais, quando o homem, muitas vezes mais velho, se excita ao ver uma mulher jovem de corpo avantajado e, então, acometido por uma volúpia sexual, demonstra seu êxtase por meio da hemorragia nasal.

- 11 Esse senso comum que se criou das fujoshis e dos fudanshis pode ser problemático para eles, quando se trata de revelar seu interesse pelo yaoi para outras pessoas; afinal, associar-se a uma figura de “tarado”, “pervertido” pode não soar convidativo ou dignificante. Minha pergunta, então, queria sondar a forma como este grupo expõe suas preferências de leitura para outros. Quase 30% das respostas indicam que há uma barreira que fujoshis e fudanshis enfrentam na hora de trocar e compartilhar experiências quando o assunto é yaoi. Em outras palavras, é a ideia de que essas leituras, ou hobby, são exibidos ou performados em contextos receptivos, não sendo revelados para qualquer pessoa. Durante uma entrevista, uma fujoshi revelou que utiliza o termo BL para se referir ao yaoi quando conversa com suas amigas em locais públicos, de forma a esconder que o assunto é propriamente yaoi. BL é uma abreviação de Boys Love, que é um outro modo de se referir ao mangá/anime yaoi no Japão. Essa fujoshi disse que ao substituir um termo pelo outro, as pessoas ao redor não vão entender sobre o que elas falam, uma vez que BL pode ser uma sigla para qualquer coisa. Outra fujoshi, por pertencer, segundo ela, a uma família tradicional, não pode deixar seus mangás ou qualquer produto yaoi em locais em que seus pais possam ver. O detalhe curioso é que ela os mantém no fundo de sua estante de livros, evitando que seu hobby seja descoberto.



- 12 Ao invés de usar o termo “Amarelo” na pergunta sobre raça/etnia, optei pelo termo “Asiático” e, como estamos falando de mangá, um produto nipônico, pensei que encontraria mais pessoas com esta característica, por isso dividi o “Asiático” em três subcategorias: japonês, chinês e coreano. No fim, isso acabou não sendo tão necessário, pois houve poucas respostas nestas três opções. Uma possibilidade pode ser o fato do grupo Yaoi Faz Bem, no qual divulguei a enquête, não ter participação considerável de

peças que se reconheçam como asiáticas. Mas é importante ressaltar esse aspecto da raça, pois adiante ele será considerado.

- 13 Após ter realizado o formulário online e elaborado suas análises, comecei o trabalho com as entrevistas semiestruturadas individuais e em grupo. O meu primeiro passo em direção às fujoshis foi buscar fóruns e páginas yaoi nas redes sociais, especialmente o Facebook. Lá o grupo Yaoi Faz Bem e a página Sala Yaoi 801 e Yuri me ajudaram a “adentrar no campo”. Como dito anteriormente, o grupo Yaoi Faz Bem foi o local em que divulguei meu formulário online e, de lá, obtive um bom retorno. Já a Sala Yaoi 801 e Yuri me possibilitou um contato mais próximo com as fujoshis, permitindo a realização de entrevistas. Ocorreu também o fato, imprevisível de início, mas que é parte integrante deste trabalho, de que eu frequentei uma balada com tema de anime e mangá, chamada Gaymer Party, e lá, mesmo sem ter tido a intenção, conheci uma fujoshi que me apresentou às suas outras amigas fujoshis, e isso ampliou as minhas possibilidades de estudo desse grupo.
- 14 Dado esse preâmbulo, há uma peculiaridade sobre as fujoshis do Brasil: o conteúdo que elas gostam, o yaoi, possui pouquíssimo material publicado no Brasil, o que faz com que elas busquem em outras fontes o material do seu desejo. Analisando os mangás publicados até 2018 pelas editoras que trazem os quadrinhos japoneses para o Brasil⁵, temos a primeira publicação da categoria yaoi com “Gravitation”, pela Editora JBC em 2007, finalizado em 12 volumes. Em 2010, a editora New Pop publicou duas *lights novels*⁶ da mesma série, denominadas “Red” e “Blue”. A New Pop ainda trouxe para cá “Blood Honey” em 2011, uma série *one-shot*⁷, e “Loveless” em 2014, ainda em publicação, com 7 volumes lançados. Em resumo, pouquíssimo material yaoi chegou até as bancas e livrarias brasileiras. Surge, então, uma questão que apareceu nas entrevistas realizadas: as fujoshis, longe de consumir somente o material “oficial” das revistas especializadas e animes yaoi, buscam constantemente outros produtos para suprir a falta desses.
- 15 Como qualquer outro quadrinho japonês, o yaoi é primeiramente publicado em revistas do assunto, por mangakás profissionais e roteiros originais. Se a trama torna-se relevante entre os leitores, ela acaba ganhando a versão encadernada, o chamado *tankobon*⁸. Ao fazer sucesso, posteriormente pode ganhar também uma versão animada, o anime, e ainda virar estampa de diversos produtos, como mousepad, camisetas, chaveiros, calendários, cadernos etc. Mas isso tudo remete a uma ideia muito *institucionalizada* do que é o yaoi – e o meu campo demonstrou que as fujoshis não são um grupo que se atém ao aspecto formal das coisas. Na fala das pessoas entrevistadas, fica manifesto o caráter fabulativo do yaoi. Entre as palavras citadas por elas sobre os sentimentos que o yaoi evoca estão: *libertação*, *euforia*, *tesão*, *diversão* e *felicidade*. A partir do momento em que surge uma sugestão, um indício, um leve tocar de corpos entre dois personagens masculinos, cuja orientação sexual não está dada, assumida ou suposta, isso pode servir como um gatilho para a fabulação dos desejos desses jovens. Ao ver dois personagens próximos ou, em alguma medida, relacionando-se de imediato, a fujoshi imagina e torce pela concretização do relacionamento amoroso entre os dois. Muitas delas manifestaram que precisam ser “dois personagens bonitinhos”, ou que “combinem juntos” para que a fabulação do desejo seja ativada, porém essa definição subjetiva e frouxa abre margem para que qualquer personagem seja um alvo possível dos desejos dessas garotas. Ninguém está a salvo.
- 16 Esse sentimento de torcida ganha termos dentro do grupo. Shipp é a noção mais usada, e diz respeito ao casal que a fujoshi torce para que fique junto no final (ou durante o

desenrolar) da história. Shippar torna-se o ato de torcer por este casal. E estes termos aparecem constantemente quando o assunto yaoi vem à mesa. Na fala das entrevistadas:

[...] Eu não acompanho muito obras genuinamente yaoi, que são publicadas em revistas com essa temática. Eu gosto mais da questão do shipp. Por exemplo, você pegar uma obra shonen e shippar todos os personagens possíveis dentro dessa obra.

17 Outra fujoshi diz:

[...] A época que eu comecei a desenvolver um sentimento mais afetivo com relação ao yaoi foi em 2011, quando eu tava vendo “Kuroko no Basket” e “Blue Exorcist”. Eles não são yaoi, eles são coisa da minha cabeça mesmo [são *mangás shonen* – complemento meu]. Em “Kuroko no Basket” tinha o meu shipp e “Blue Exorcist” também.

18 Dessa forma, as fujoshis não se prendem somente a títulos yaoi *oficiais*, mas a qualquer história que traga dois personagens passíveis de formarem um casal bonito. É aí que entra o trabalho de fã, ou seja, o material que pega emprestado personagens de histórias produzidas profissionalmente, ou cria personagens novos, e os ambienta numa atmosfera amorosa e sexual. Neste material, que se concentra em fanfics, fanzines, fanarts e webcomics, as fujoshis vão buscar a ampliação do universo yaoi e, conseqüentemente, a tentativa de saciação dos seus desejos.

19 Os argumentos postos nestes termos, contudo, dão a impressão de que se trata de um grupo coeso, de indivíduos com as mesmas características e de iguais relações com o yaoi. As entrevistas individuais mostraram que não. Para além da questão do estereótipo, que é a visão das pessoas de fora sobre o grupo das fujoshis, dentro do próprio grupo há ainda marcações de diferença. No meu contato com algumas delas ficou manifesto a oposição “tradicionais” e “problematizadoras”. Estes termos não são componentes de uma eventual identidade Fujoshi, eles simplesmente foram ditos por algumas delas com o intuito de tentar categorizar uma parcela de pessoas que têm as mesmas convicções.

20 As tradicionais, ou “old school”, são as meninas que estão há mais tempo lendo e consumindo yaoi – mas também não é só isso. A especificidade desta parcela só é entendida quando realmente entram em cena as problematizadoras, ou “cleans”. Este último grupo fortaleceu-se, ao que tudo indica, a partir do crescimento de grupos feministas nas redes sociais que começaram a problematizar a romantização de relacionamentos abusivos. Assim, o que antes era visto com “um filtro cor-de-rosa” adquiriu outro significado. Cenas de violência física e sexual passaram a ser contestadas nos fóruns e páginas yaoi nas redes sociais numa tal vertigem que se passou a dividir os grupos: uns divulgavam material “sem filtro”, e outros, materiais “saudáveis”, livres de cenas que poderiam ser pegadas na peneira da problematização. Essa divisão não ocorreu, entretanto, sem tensões. Segundo dados coletados em campo, uma série de disputas aconteceu quando do lançamento do manhwa⁹ “Killing Stalking”, que aborda um relacionamento hiperabusivo entre dois rapazes, no qual um deles é um serial killer. Ao mesmo tempo em que houve um grupo engajado na tradução e divulgação da obra nos fóruns brasileiros, formou-se também uma coligação de pessoas para denunciar as páginas que disponibilizavam o material. De acordo com o relato das pessoas entrevistadas, houve queda de páginas e até ameaças de morte. Umas diziam não haver problema na obra, afinal tratava-se de uma ficção. Outras afirmavam que não se poderia enaltecer esse tipo de conteúdo, pois seria nocivo.

21 O advento da “problematização” não causou impacto somente na nova geração de admiradores do gênero. Muitas pessoas consideradas “tradicionais”, ou que há muito

tempo já liam yaoi, foram sensibilizadas por essa questão e passaram a diminuir ou, até mesmo, mudar por completo os seus hábitos e preferências. Há de se frisar, contudo, que quando essas “primeiras” meninas começaram a consumir yaoi no Brasil, não havia muita oferta ou variedade de histórias. O que existia eram alguns animes – um dos mais citados é “Junjou Romantica” –, poucos mangás traduzidos em português ou em inglês, e uma lista imensa de fanfics e fanarts. O movimento da problematização fez com que a violência deixasse de ser naturalizada nestas obras para ser posta em discussão. Claro que alguns hábitos nunca mudam e a leitura e consumo de obras consideradas problemáticas continuam sendo feitas.

- 22 Todo este esforço de tentar dar conta do que vem a ser o grupo de fujoshis e de suas experiências relacionando-se entre si, tendo em vista o yaoi, não estaria completo sem trazer a experiência de mais uma parcela desse grupo, que são as meninas de ascendência asiática. Na enquete na qual eu pedia que os fãs de yaoi indicassem com qual raça/etnia eles se identificavam, foi inexpressivo o número de respostas que se colocaram como “Asiáticos”. Apesar disso, consegui conversar com algumas fujoshis com este marcador social e a posição delas no meio do que foi elaborado sobre tradicionais e problematizadoras não encontra suporte, ou fica borrada.
- 23 As fujoshis de ascendência asiática sabem japonês, algumas inclusive já foram para o Japão ou possuem família lá. Por isso, a barreira linguística que impede as fujoshis não asiáticas de lerem mais conteúdo yaoi em língua japonesa simplesmente não existe para essas. Em outras palavras, o universo yaoi *institucional* é muito maior para as asiáticas, pois elas têm acesso à leitura das obras no original, o que lhes abre um acervo gigante e também colabora para elas não ficarem restritas às fanfics. O aspecto da violência e relacionamento abusivo, tão central nas discussões das não asiáticas, perde a força entre essas, pendendo mais para um relativismo da situação. Em poucas palavras, se o shipp é do gosto delas ou se houve algum consenso prévio entre as personagens, não há um problema aparente – apesar de ter havido uma fujoshi de ascendência asiática que se mostrou realmente incomodada com a representação de conteúdo como estupro e violência física, assumindo uma posição mais politizada nesse quesito do que as outras.
- 24 Cabe pensar ainda em um grupo reservado, mas não hermético. As fujoshis de ascendência asiática são, em sua maioria, brasileiras, falam português, estudam no Brasil, trabalham e, ao mesmo tempo, mantêm relações mais estritas com o seu grupo étnico. Como Kikuchi mostrou, há uma tendência entre os japoneses de ter certa indisposição em responder entrevistas ou participarem de pesquisas sociais (KIKUCHI 2012: 185). No meu caso, eu só consegui ter acesso a este grupo, pois conheci uma fujoshi de ascendência asiática numa balada LGBT e conversamos aleatoriamente sobre yaoi. Ela me reconheceu, então, como uma pessoa para qual ela poderia contar seus gostos e seus hábitos de leitura. E ao saber da minha pesquisa, solicitou às suas amigas, que também possuíam este marcador social, que participassem e me ajudassem. Somente assim, eu consegui compreender que havia uma presença de fujoshis de ascendência asiática que ficou invisibilizada no questionário online e que, talvez elas não participassem com tanta frequência nos grupos e páginas yaoi brasileiros, principalmente nos voltados para fanfics, vivenciando outras questões, diferentes das que eu havia notado até então.
- 25 Não há dúvida de que a leitura de obras marcadas com estética yaoi possua um papel na formação de subjetividades desse grupo, uma vez que a primeira experiência com o yaoi costuma ser ainda na adolescência e as histórias serem carregadas de imagens fortes, seja pela representação de um romance entre dois homens, ainda que idealizado, seja por

eventualmente conter cenas de sexo explícitas e violência física. As imagens ajudam a compor um universo compartilhado de desejos, e as fujoshis buscam outras pessoas ou grupos que shippam os mesmos personagens, numa tentativa de expandir suas experiências.

- 26 Interessante notar que ao mobilizar uma narrativa que não tem por base o romance heterossexual, o yaoi é lido, em grande parte, por pessoas que têm suas questões com a sexualidade e que não se sentem contempladas ao identificarem-se como simplesmente “héteros”, mas com alguma outra orientação que abrace mais possibilidades de vivenciar uma experiência amorosa.

BIBLIOGRAFIA

- ARANHA, Gláucio. 2010. Vozes Abafadas: o mangá yaoi como mediação do discurso feminino. *Revista Galáxia*, n.19: 240-252.
- ISSA, Victor Eiji. 2015. *Otaku: um Sujeito entre Dois Mundos*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, USP.
- KIKUCHI, Wataru. 2012 *Relações Hierárquicas do Japão Contemporâneo: um estudo da consciência de hierarquia na sociedade japonesa*. São Paulo: Tese de Doutorado em Sociologia, USP.
- LAURETIS, Teresa de. 1994. A Tecnologia do Gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.), *Tendências e Impasses. O feminismo como crítica da cultura*. São Paulo: Rocco. pp. 206-242.
- LUYTEN, S. M. B. 2000. *Mangá: O Poder dos Quadrinhos Japoneses*. São Paulo: Hedra.
- ORTNER, Sherry B. 2007. Subjetividade e Crítica Cultural. *Horizontes Antropológicos*, n.28: 375-405.
- SILVA, Valéria Fernandes da. 2006. Yaoi: Homoerotismo e subversão dos papéis de gênero no shoujo mangá. *NeoTokyo*, n.8: 42-50.
- SUZUKI, Midori. 2013. The Possibilities of Research on Fujoshi in Japan. *Transformative Works and Cultures*, n.12. Acessado em 22/10/2018: <http://journal.transformativeworks.org/index.php/twc/article/view/462/386>.
- THORN, Rachel Matt. 2003. Girls and Women Getting Out of Hand: The Pleasure and Politics of Japan's Amateur Comic Community. In: KELLY, William W. (org.), *Fanning the Flames: Fandoms and Consumer Culture in Contemporary Japan*. Nova York: State University of New York Press.

NOTAS

1. A grande referência sobre a vinda, o impacto e a popularização dos mangás no Brasil é LUYTEN (2000).

2. Existem outras categorias de mangás como *Kodomo*, *Josei*, *Seinen*. Essas demografias variam nos eixos de gênero e idade, e também no conteúdo exibido, como nos casos de *Hentai* e *Ecchi*, categorias adultas e eróticas. A conceituação de todas não é relevante para o presente trabalho.
 3. Ressalto que estes temas (drama, aventura, ação) não se configuram como regras estritas da narrativa, mas são os que mais se repetem nessas demografias. Vale reforçar também que tanto shounen, quanto shoujo são demografias, não gêneros. Por gênero, entende-se romance, terror, erótico etc. Por demografia, entende-se o perfil do público, em questões de idade e gênero, principalmente. Ou seja, um shoujo pode tanto apresentar romance e personagens femininos fortes, como também ação e violência explícita.
 4. Para uma análise pormenorizada da origem e circulação do termo Fujoshi no Japão ver SUZUKI (2013).
 5. Utilizo aqui informações de títulos e períodos das páginas Wikipedia destas editoras. Apesar do site não ser reconhecido pela sua confiabilidade num aspecto geral, as páginas das editoras trazem dados precisos, como data de publicação, que podem ser cotejados com as informações impressas nos próprios mangás. Ver: https://pt.wikipedia.org/wiki/Editora_JBC#Mang%C3%A1s_publicados_pela_JBC e https://pt.wikipedia.org/wiki/NewPOP_Editora#Mang%C3%A1s_Light_Novels_e_semelhantes. Acessado em: 25/07/2018.
 6. São versões escritas da história, em formato livro e com algumas ilustrações.
 7. De apenas um volume.
 8. Um encadernado de 200 páginas, que reúne um número determinado de capítulos publicados anteriormente numa revista.
 9. História em quadrinho coreana.
-

AUTOR

SASHA CRUZ ALVES PEREIRA

Aluno de graduação em Ciências Sociais, FFLCH-USP. E-mail: sasha.pereira@usp.br